

## HOMILIA DE SEXTA-FEIRA DA SEMANA SANTA

**Paróquia de Fátima (THE), 10/04/2020**

Irmãos e irmãs,

Nesta reflexão, mais do que em minhas próprias palavras, confio no poder transfigurador da “palavra da Cruz”, como nos ensina São Paulo Apóstolo: Cristo me enviou, “... para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria [humana] da linguagem, a fim de que não se torne inútil a Cruz de Cristo, ... Pois não quero saber outra coisa entre vós, a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo Crucificado” (1Cor 1,17; 2,2). Assim, com os olhos fitos na imagem do Crucificado, deixemo-nos tocar pela beleza do gesto solidário do Filho de Deus, que nos amou e por nós se entregou (cf. Gl 2,20).

Hoje, “contemplamos Jesus com seu rosto cheio de dor, escarnecido, ultrajado, desfigurado pelo pecado do homem; amanhã de noite, o contemplaremos com sua face cheia de alegria, radiante e luminosa. Desde que Jesus desceu ao sepulcro, a tumba e a morte não são mais lugares sem esperança, onde a história se fecha no fracasso mais absoluto, onde o homem toca o limite extremo da sua impotência. A Sexta-feira Santa é o dia da esperança que é maior; aquela que amadureceu na Cruz enquanto Jesus exalava o último suspiro, gritando com grande voz: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’ (Lc 23,46). Entregando a sua existência ‘doada’ nas mãos do Pai, Ele sabe que a sua morte torna-se fonte de vida, como a semente na terra que deve romper-se para que a planta possa nascer: ‘Se o grão de trigo que cai na terra não morre, ele continua só um grão de trigo; mas, se morre, então produz muito fruto’ (Jo 12,24)” (Bento XVI, homilia da celebração da Sexta-Feira Santa 2010).

Outrora, no dia mais santo para o povo judeu – chamado o dia da “Grande Expição” (em hebraico: *Yôm Kippur*) o Sumo Sacerdote sacrificava um touro e um bode, respectivamente em reparação dos pecados dos sacerdotes e dos pecados de todo o povo. Ele, então, transpunha o véu do Santuário e entrava no recinto mais restrito do Templo, chamado “O Santo dos Santos” – algo que somente a ele era permitido fazer, e uma só vez no ano – para incensar e para aspergir o propiciatório com o sangue das vítimas. Assim, acreditavam os antigos judeus, estavam reatados seus laços de amizade com Deus, pois os pecados de toda a nação tinham sido expiados.

Também nós, os cristãos, temos o nosso dia da “Grande Expição”, que é hoje, Sexta-feira Santa. Sua realização foi proclamada na segunda leitura pelo autor da Carta aos Hebreus:

“Nós temos um sumo sacerdote iminente que entrou no céu, Jesus, o Filho de Deus” (Hb 4,14). Em outra passagem da mesma carta, lemos: “Ele entrou uma vez por todas no Santuário, não com o sangue de bodes e de novilhos, mas com o próprio sangue, obtendo uma redenção eterna” (Hb 9,12). Agora, celebramos não mais em figura, mas na realidade, a Grande Expição, não mais dos pecados de uma só nação, mas dos de todo o mundo (cf. Jo 2,2; Rm 3,25).

É isso que se proclama, nas primeiras Vésperas do primeiro Domingo da Quaresma, quando se canta: “O Cristo morreu pelos nossos pecados, pelos ímpios, o justo e ofertou-nos a Deus; foi morto na carne, mas vive no Espírito”. De fato, “... Aquele que não conhecera pecado, Deus O fez pecado por causa de nós, a fim de que, por Ele, nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21). Isto é puro dom do Coração de Jesus e da Sua serena majestade, como Ele mesmo declara, no evangelho de São João: “... dou a minha vida, para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente...” (Jo 10,18).

No mesmo evangelho de João, que ouvimos hoje, o relato da Paixão se inicia e termina em um jardim. Tudo começa com a prisão de Jesus no jardim que ficava do outro lado da torrente do Cedron (Jo 18,1) e termina com o Seu sepultamento no jardim próximo ao Gólgota (Jo 19, 41). Não estamos aqui simplesmente diante de uma informação local/espacial, mas em um lugar teológico: o jardim. João quer, com isso, recordar o jardim do Éden, onde Deus colocou o homem (Gn 2,8) e onde aconteceu o primeiro confronto entre verdade e mentira; ali, com o engano, venceu a mentira. Agora, porém, a luz brilha na escuridão da noite e põe à mostra o engano radical da desobediência do homem a Deus.

Jesus que afronta a sua Paixão já é glorioso: diferentemente de Adão, quando procurado, Ele não esconde a sua humanidade, mas a faz aparecer como reflexo da luz de Deus. “Ele saiu ao encontro deles e disse: ‘A quem procurais?’ Responderam: ‘A Jesus o Nazareno’. Ele disse: ‘Eu sou’” (Jo 18, 4-5.7-8). “Eu sou” significa aqui “Sou eu, Jesus o Nazareno, a quem procurais”. Ele confirma a sua identidade de Nazareno, de rei dos judeus, mas também afirma ser rei de um modo novo: Ele é “Eu Sou”, isto é, o próprio Senhor Deus que vive e reina. De fato, “Eu Sou” é o nome divino revelado a Moisés (Ex 3,14s) e significa que o Deus de Israel é o único e verdadeiro Senhor (Dt 32,39). Atribuindo-Se esse nome a Si mesmo, Jesus apresenta-Se como único e verdadeiro Salvador, para o qual tendiam a fé e a esperança de Israel. Assim, iniciada a Hora da Glorificação de Jesus, começa a se cumprir o que Ele dissera: “Quando tiverdes elevado o Filho do Homem, então sabereis que Eu Sou” (Jo 8,27).

Em nenhum momento da narrativa da Paixão, o evangelho de João deixa entrever que os homens exercem qualquer poder sobre Jesus. Realmente, na Sua Hora, o verdadeiro julgado é “o mundo”, isto é, todo aquele que O rejeita. Além do mais, o juízo do mundo já começa agora, no tempo presente. Quem rejeita o Filho de Deus julga-se a si próprio e, desde já, condena-se a si mesmo: “Quem nele crê não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não creu no Nome do Filho unigênito de Deus” (Jo 3,18). Quem não crê no amor absoluto oferecido pelo Filho do Homem elevado da terra exclui-se do amor e da vida. Quem não adere ao Filho nega também a própria realidade de filho de Deus. A decisão de fé em Jesus nos faz nascer do alto e isto se chama “vida eterna”, ou seja, a vida d’Aquele que é o Eterno, pulsando dentro de nós.

Sempre em conformidade com a liberdade absoluta de Jesus, João nos diz ainda que Ele “... tomou a Cruz sobre si e saiu para o lugar chamado Calvário” (Jo 19,17). Ninguém pôs a Cruz sobre Seus ombros, mas Ele mesmo a tomou sobre Si. Não se fala aqui do Cireneu (cf. Mc 15,21 e par.) nem das mulheres que O acompanhavam (cf. Lc 23,27-31). Jesus levanta e carrega o peso da Cruz por Si mesmo, num gesto de amor livre e soberano. Como Isaac levou a lenha para o holocausto, assim Jesus leva a Cruz (Orígenes). Carrega-a, “... como um rei que leva o seu cetro, sinal da Sua Glória, da Sua soberania universal sobre todos... Como um guerreiro vitorioso [leva] o troféu da Sua vitória” (Tomás de Aquino). Jesus carrega sobre Si o sinal do triunfo (São João Crisóstomo). Como profetizou Isaías: “... ele recebeu o poder sobre seus ombros e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-Eterno, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino...” (Is 9,5s).

O mesmo Isaías profetizou, na primeira leitura proclamada na celebração de hoje, a elevação de Jesus: “Ei-lo, o meu servo será bem-sucedido; sua ascensão será ao mais alto grau” (Is 52,13). Na Sua Hora, Jesus “... caminha para a altura da Cruz, para o momento do amor que se dá. O termo último da sua peregrinação é a altura do próprio Deus, até à qual Ele quer elevar o ser humano” (BENTO XVI. *Homilia de Domingo de Ramos*, 2011). A Cruz de Cristo não é manifestação da fraqueza de Deus, mas amostra da força de um amor maior, a força de gravidade do amor de Deus, que nos atrai para o alto. O livro do Gênesis fala de uma escada de Jacó, pela qual céus e terra se encontram (Gn 28,12). Pois bem, aquela escada era figura da Cruz, cravada

no solo e levantada aos céus, sobre a qual e pela qual todas as virtudes de Deus vêm até nos; Cruz pela qual nossas virtudes sobem até o Altíssimo.

João nos conta que, chegado Jesus ao Calvário, “ali O crucificaram com outros dois: um de cada lado” (Jo 19,18). No entanto, este evangelista não afirma que os dois eram “ladrões” ou “malfeitores”, como o fazem Marcos, Lucas e Mateus (cf. Mc 15,27; Mt 27,38; Lc 23,33.39ss). Tudo o que sabemos aqui é que eles são chamados, em relação a Jesus, de os “outros dois” e que ficaram um à Sua direita e o outro à Sua esquerda. Não seriam estes os pobres, os aflitos, os perseguidos e os que choram? Todos os que, como Jesus, são abandonados e assassinados pelo mundo? Estes, nos quais devemos ver o rosto de Cristo crucificado e aos quais devemos abrir o coração? Não seriam estes “outros dois” todos os que hoje estão com fome, com sede, nus, doentes, presos, sozinhos (cf. Mt 25,35-40.42-45), e com medo? Os braços abertos de Jesus crucificado abarcam toda e qualquer distância; em sua Cruz se cruzam as quatro dimensões do universo, sendo ela o centro de tudo.

Na cena da crucifixão, uma imagem nos chama especialmente a atenção: “Jesus, ao ver Sua mãe e, ao lado dela, o discípulo que Ele amava, disse...: Mulher, este é o teu filho... Esta é a tua mãe” (19,26s). Estas palavras, interpretadas, às vezes, unicamente como manifestação da piedade filial de Jesus para com a Mãe, confiada para o futuro ao discípulo Amado, vão muito além da necessidade de se resolver uma questão familiar. O termo “mulher”, usado por Jesus também nas bodas de Caná, para conduzir Maria a uma nova dimensão do seu ser Mãe, mostra que as palavras do Salvador não são fruto de um simples sentimento de afeto filial, mas têm em vista pôr-se num plano mais elevado. Na verdade, estas palavras de Jesus constituem uma cena de revelação. Elas assumem o seu mais autêntico significado no interior da Sua missão salvadora. Pronunciadas no momento do sacrifício redentor, elas haurem precisamente desta circunstância sublime o seu valor mais alto. O evangelista, com efeito, depois das declarações de Jesus à Mãe, conta que Jesus viu “... que tudo estava consumado...” (Jo 19,28), quase a querer ressaltar que Ele levou a termo o Seu sacrifício justamente com a entrega da Mãe na obra da salvação.

A maternidade universal de Maria, a “Mulher” das bodas de Caná e do Calvário, recorda Eva, “Mãe de todos os viventes” (Gn 3,20). Contudo, enquanto esta contribuíra para a entrada do pecado no mundo, a nova Eva, Maria, coopera para o evento salvífico da Redenção. Assim, na Virgem, a figura da “mulher” é reabilitada e a maternidade assume a tarefa de difundir entre os homens a vida nova em Cristo. Em vista dessa missão, à Mãe é pedido o sacrifício, para Ela

muito doloroso, de aceitar a morte do seu Unigênito. A expressão de Jesus: “Mulher, eis aí o teu filho”, permite a Maria intuir a nova relação materna que prolongaria e ampliaria a precedente. O seu “sim” a esse projeto constitui, portanto, um assentimento ao sacrifício de Cristo, que Ela aceita generosamente na adesão à vontade divina. Ainda que, no desígnio de Deus, a maternidade de Maria se destinasse, desde o início, a estender-se à humanidade inteira, só no Calvário, em virtude do sacrifício de Cristo, ela se manifesta na sua dimensão universal (cf. JOÃO PAULO II. *Audiência de 23/04/1997*). Por isso, nós podemos dizer, sem nenhum receio: “Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”.

A crucifixão de Jesus ocorreu “... no dia da preparação para a Páscoa” (Jo 19,31). Somente o evangelho de João faz coincidir a morte de Jesus com o momento da matança dos cordeiros para a Páscoa dos judeus. Ele é o único cordeiro da Páscoa da Nova Aliança, como dissera João Batista: “Eis o cordeiro de Deus!” (Jo 1,36). A Sua imolação é uma imolação real, um sacrifício realizado uma vez por todas, porque a vítima espiritual tornou inúteis as vítimas materiais. Isto se confirma ainda mais, pela constatação de que “não quebraram nenhum dos seus ossos” (Jo 19,36; cf. Ex 12,36). Cristo crucificado é, pois, o verdadeiro Cordeiro pascal: ele é a “nossa Páscoa” imolada (cf. 1Cor 5,7). Verdadeiro, porque é a realidade daquilo que os sacrifícios antigos prefiguravam, a saber: a salvação recebida e esperada, a aliança com Deus e a inserção em seu desígnio. Esta descrição não é uma novidade. Os profetas, especialmente Isaías, descrevem o Servo do Senhor no momento em que realiza sua missão de libertar o povo dos pecados e de torná-lo agradável a Deus: “Foi maltratado e submeteu-se, não abriu a boca; como cordeiro levado ao matadouro ou como ovelha diante dos que a tosquiavam, ele não abriu a boca” (Is 53,7).

Jesus é também o Templo que os homens destruíram, mas que Deus reconstruiu, ressuscitando-O da morte: “Destruí esse Templo e, em três dias, eu o levantarei – disse Jesus aos judeus (Jo 2,19). “Ele, porém falava do Templo do Seu corpo” – explica o evangelista (Jo 2,21). Numa época de grande calamidade para os judeus, quando o seu Templo jazia destruído e o povo vivia as duras penas no exílio da Babilônia, o profeta Ezequiel teve uma visão: ele viu reconstruído o Templo, de cuja soleira manava água viva em direção ao oriente (cf. Ez 47,1ss). O evangelista João comprovou a realização dessa profecia na Paixão de Cristo. Ele escreve: “... um dos soldados abriu-lhe o lado com a lança e logo saiu sangue e água” (Jo 19,34). No relato do evangelho que escutamos, o golpe da lança não foi uma comprovação de morte, pois esta já fora

constatada (Jo 19,33), mas puro gesto de ódio gratuito. A isto Jesus responde imediatamente com o amor que, dando a própria vida, oferece a todos uma vida nova: "... e logo [e imediatamente, e naquele mesmo instante...] saiu sangue e água”.

O Templo de Jerusalém era para os judeus o lugar mais santo de todo o Israel e de todo o mundo, pois foi o espaço que Deus escolheu para fazer habitar o seu Nome (Dt 12,11; 16,8). Somente naquele Santuário, os judeus podiam oferecer a Deus o verdadeiro culto. Todavia, aquele Templo era figura de Cristo, assim como o Antigo Testamento é figura do Novo e o Sábado é figura do Domingo. O Corpo de Cristo é o novo Templo, o lugar espiritual do novo culto, celebrado pelos verdadeiros adoradores do Pai, que O adoram em Espírito e verdade (Jo 4,24). É este o “mistério da fé” que se faz presente a cada Celebração Eucarística, na qual todo o povo responde: “Anunciamos, Senhor, a Vossa morte e proclamamos a Vossa Ressurreição”.

Aquela água, tal qual o profeta Ezequiel a viu, brotou inicialmente como um regato, mas foi-se avolumando, até alcançar o porte de um grande rio. Ela prefigurava o Batismo de Cristo, que batiza com o Espírito Santo (cf. Jo 1,33), como o próprio Senhor declara: “A água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna” (Jo 4,14). Desta fonte espiritual bebemos todos nós, pois que é a mesma água que brota de todos os batistérios da Igreja. Como nos ensina São João Crisóstomo: “... esta água e este sangue são símbolos do Batismo e da Eucaristia. Foi destes Sacramentos que nasceu a santa Igreja, pelo banho da regeneração e pela renovação no Espírito Santo, isto é, pelo Batismo e pela Eucaristia que brotaram do lado de Cristo. Pois Cristo formou a Igreja de Seu lado transpassado, assim como do lado de Adão foi formada Eva, sua esposa”.

Quando falamos da Cruz, não estamos pregando o sofrimento pelo sofrimento – já que não somos sádicos nem amigos da dor –, mas contemplando o amor de Jesus que, para pagar o preço do nosso resgate, dissipou tudo o que possuía, como nos ensina o apóstolo Paulo: “Com efeito, conheceis a generosidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que por causa de vós se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a Sua pobreza” (2Cor 8,9). Ele, chegado ao limite da pobreza, vendo que tudo estava consumado e nada mais tendo a oferecer a Deus por nós, inclinou a cabeça e entregou ao Pai o que ainda Lhe restava: o Seu último alento de vida, a Sua respiração, o Seu espírito (Jo 19,30). Jesus devolve ao Pai o sopro vital que Adão quis usurpar como propriedade sua.

Assim, cumpria-se a palavra que Ele dissera: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus!” (Mt 5,3). Na Cruz, “... o Verbo emudece, torna-se silêncio de morte, porque Se ‘disse’ até calar, nada retendo do que nos devia comunicar...” (BENTO XVI, *A palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, n. 12). Ficou “... ‘sem palavra a Palavra do Pai, que fez toda criatura que fala; sem vida estão os olhos apagados d’Aquele a cuja palavra e aceno se move tudo o que tem vida’. Aqui verdadeiramente comunica-se a nós o amor ‘maior’, aquele que dá a vida pelos próprios amigos (cf. Jo 15,13)” (*Idem*).

Quem souber, reze comigo:

*Alma de Cristo, santificai-me.*

*Corpo de Cristo, salvai-me.*

*Sangue de Cristo, inebriai-me.*

*Água do lado de Cristo, lavai-me.*

*Paixão de Cristo, confortai-me.*

*Ó bom Jesus, ouvi-me.*

*Dentro de Vossas chagas, escondi-me.*

*Não permitais que me separe de Vós.*

*Do espírito maligno, defendei-me.*

*Na hora da minha morte, chamai-me.*

*E mandai-me ir para Vós, para que Vos louve com os vossos Santos, por todos os séculos dos séculos.*

*Amém.*

Pe. Clodomiro